

Entrevista EXAME

Desafios para as empresas portuguesas em 2004

E: Na sua opinião, quais são os principais desafios para as empresas portuguesas em 2004?

MLF: Este ano deverá ser marcado pela recuperação da economia mundial. Confirmando-se essa expectativa, a Economia Portuguesa poderá vir a crescer, apoiada nas exportações. No entanto, subsistem dúvidas quanto à qualidade da retoma. Em particular, a elevada dependência da economia norte-americana relativamente aos fluxos de capital tem alimentado receios junto dos investidores, que se traduzem em pressões para a subida da taxa de juro nos EUA ou para a desvalorização do dólar. Até agora, as autoridades monetárias têm validado a segunda via. A continuada desvalorização do dólar ameaça, no entanto, atrasar a recuperação da Europa, pois as empresas europeias perdem competitividade, não só para as suas congéneres americanas, mas também para as empresas sediadas em países terceiros com moedas indexadas ao dólar, nomeadamente a China.

E: O alargamento da UE é já em Maio. As empresas portuguesas estão preparadas?

MLF: O alargamento é apenas uma componente da mudança. Hoje em dia, tudo muda muito depressa, pelo que as empresas têm de estar permanentemente em adaptação. Por regra, devemos acreditar na capacidade de regeneração da economia. O que não devemos é pretender que as empresas passem a fazer aquilo que não sabem. Em cada momento do tempo, a capacidade de resposta das empresas está limitada pelas suas valências e pelo seu posicionamento junto dos clientes.

E: Quais serão as principais consequências para a economia portuguesa e as empresas lusas?

MLF: Naturalmente, o aumento da concorrência nos mercados tradicionais de exportação obrigará muitas empresas a rever as suas estratégias. Algumas, fecharão. Outras, inovarão. No final, é de esperar que o alargamento do mercado resulte num melhor aproveitamento das vantagens comparativas. No curto prazo, os custos de ajustamento serão tanto maiores quanto mais tempo os agentes económicos demorarem a descobrir o seu novo posicionamento. Por isso, é importante que o Estado promova a mobilidade, em vez de a contrariar.

E: A captação de investimento por Portugal tanto de empresas estrangeiras, como nacionais está em risco face ao alargamento?

MLF: É natural que, nesta fase, existam boas oportunidades de investimento a Leste. Mas isso não impede a fixação de capital em Portugal. Se não existissem boas oportunidades no nosso país, porque razão estariam os espanhóis a adquirir posições em empresas portuguesas?

E: O que pode Portugal fazer para superar este desafio?

MLF: O Estado tem um papel muito importante. Quando os investidores escolhem uma determinada localização, têm em conta não só o custo e a qualidade dos factores produtivos, mas também a qualidade das instituições (nível de burocracia, eficácia da justiça, carga regulatória, etc). Em geral, Portugal beneficia de um nível de desenvolvimento institucional superior ao dos países do alargamento. No entanto, alguns desses países têm vindo a progredir muito rapidamente nessa matéria. Portugal, não.

E: E as empresas, como se devem preparar para este desafio?

MLF: Não há receita. Cada empresa deve descobrir o seu próprio caminho. Possivelmente, num contexto globalmente menos favorável à especialização baseada em salários baixos, muitas empresas apostarão mais na diferenciação e na formação profissional. Mas, sendo Portugal tão abundante em mão-de-obra pouco qualificada, não é de crer que a via tradicional esteja esgotada. Não pode é pretender ter salário de alemão quem produz à Paquistão.